

Novos Manuscritos Hebraicos

Didaskalia adquiriu lugar de prestígio entre as revistas portuguesas pelo nível científico dos trabalhos que tem publicado e pela temática preferida. Entre as matérias tratadas, há uma em que esta revista ocupa lugar ímpar: o estudo de manuscritos hebraicos inéditos existentes em Portugal e influências do hebraico na língua portuguesa. Dentro desta temática, publicaram-se: “Línguas Orientais num Manuscrito Português do século XVI”, vol. III (1973); “Influências do Hebraico na Língua Portuguesa” vol. IV (1974); “Palavras Hebraicas e Hebraísmos na Língua Portuguesa”, vol. VI (1976); “Manuscrito Hebraico e Aramaico em Lisboa”, vol. VIII (1978); “Manuscritos Hebraicos na Torre do Tombo”, vol. XI (1982).

A publicação destes trabalhos integrava-se de forma natural no projecto de investigação pessoal em que se empenhava o distinto Director de **Didaskalia**, Prof. Doutor Joaquim de Oliveira Bragança, incansável e prestigiado investigador de fontes litúrgicas e outras.

Ao colaborarmos de bom grado neste volume de homenagem a quem marcou indelevelmente, com o seu estilo e exigência, a revista **Didaskalia** parece oportuno, na sequência dos artigos citados, trazer a estas páginas mais uma notícia de um achado de manuscritos que a comunidade judaica deixou em Portugal.

O primeiro signatário destas linhas faz-se acompanhar agora de um especialista em paleografia hebraica, o Dr. Dov Cohen, Rabino da Comunidade Israelita de Lisboa.

O número de manuscritos hebraicos existentes em Portugal está longe de corresponder à importância que teve a comunidade judaica no nosso país, antes da expulsão decretada por D. Manuel, em 1496. O desaparecimento quase total da documentação escrita que os judeus possuíam na sua própria língua deve-se certamente a esse decreto real e à actividade vigilante e repressiva da Inquisição.

Perante esta situação de carência de tal documentação, reveste-se sempre de importância o achado de qualquer manuscrito hebraico, independentemente do seu conteúdo. Considera-se por isso útil dar conhecimento dos novos manuscritos recentemente descobertos em Viseu, que valem não só por serem hebraicos mas fundamentalmente pelo seu conteúdo.

Circunstâncias do achado

Foram encontrados pelo Rvdo. Padre José Fernandes Vieira, chefe de redacção do **Jornal da Beira**. Em busca de antigos números do seu jornal, teve acesso ao espólio bibliográfico que um antigo director da referida publicação deixara na sua casa em Sequeiros, Couto de Cima — Viseu, ao ausentar-se para Lisboa, em 1921¹. Entre os papéis e livros antigos que os seus herdeiros confiaram ao referido investigador, foi este deparar como nos informa, com “um exemplar de *Ordenações Filipinas*, com um arrazoado inicial em espanhol datado de Lisboa, em 3 de Janeiro de 1604; com diversos *imprimatur* de Junho de 1603 e com um *Prólogo ao Lector*, este em português”.

O título completo da obra em questão é o seguinte: **“REPERTÓRIO DAS ORDENAÇÕES NOVAS DE PORTUGAL COM A CONCORDIA DAS LEYS DE PARTIDA DE CASTELA E REMISSÕES dos doutores do Reyno que as declarão, per modo de Alfabeto”**. Acrescente-se que a obra tem o texto completo, embora lhe falte no frontispício a effigie do Filipe respectivo. Esta como outras obras que ostentavam a figura dos Filipes foram frequentemente mutiladas, após a Revolução de 1640. Mas para o nosso objectivo o que importa é a encadernação “almofadada” com os manuscritos hebraicos, caso semelhante ao que tivemos ocasião de observar, quando demos a conhecer uma série de folhas escritas em hebraico, que se encontravam no impaste da capa de um livro da Sé de Lamego, localizada na Torre do Tombo².

Estes manuscritos de Viseu estão unidos com uma cola farinácea que terá de ser removida para se conseguir o estudo adequado que se impõe,

¹ Trata-se do Cón. Dr. José de Almeida Correia, falecido em 1957.

² A.N.T.T., Sé de Lamego n.º 175; A. A. TAVARES, Manuscritos Hebraicos na Torre do Tombo, sep. de Didaskalia, vol. XI. 1981.

mas a descolagem e restauro exigem cuidados e técnicas que nos ultrapassam.

Poderão eventualmente demorar muito tempo, se é que alguma vez se realizam. Assim sendo, e antes que se perca o rasto a estes manuscritos, como terá acontecido a outros, parece conveniente dar-se a presente notícia, sem que seja descurado o seu estudo completo quando as circunstâncias o permitirem.



Aspecto Geral do Manuscrito

Os Manuscritos

Trata-se de três fragmentos distintos, tanto pelo conteúdo, como pela escrita e um deles até mesmo pelo idioma:

1. Fragmento da obra filosófica em hebraico, atribuída ao RABI MOSHÊ NARBONI, comentário à obra filosófica de Maimónides, **Guia dos Perplexos** (segundo identificação feita pelo Instituto de Microfilmes de Manuscritos Hebraicos, em Jerusalém). Conhecem-se outros manuscritos similares. A obra já foi impressa, primeiramente em Berlim, em 1791, e posteriormente em Viena, em 1852.

Entre outros, são mencionados neste fragmento Aristo, Ibn Rashad, Ibn Sina, etc. Numa passagem, o texto principia com as palavras **אמר משה**,

(amar Moshê = disse Moisés) introdução às palavras do próprio autor, Moshê Narboni³.

O fragmento é composto por 14 folhas, escritas na frente e no verso, entre as quais aparecem as indicações de início dos capítulos 10, 69 e outros.

2. Fragmento de um comentário ou homilia sobre um texto bíblico. O autor é desconhecido. Conhecem-se vários comentadores judeus, aliás bem famosos, mas o nosso texto não é de nenhum desses. Será de algum judeu peninsular?

Vejamos à maneira de exemplo um texto bíblico com o respectivo comentário do nosso autor:

“Quando entrardes na terra que vos vou dar e fizerdes a ceifa, apresentareis ao sacerdote o primeiro feixe de espigas da vossa colheita”. (Lev. 23, 10).

O nosso comentador explica:

למדנו שאין העמר בא אלא מהקציר שבארץ ישראל. והוא מבואר מצד הזמן
שזה הקציר הוא קציר שעורים כי קציר החטים לא יהיה בארץ ישראל בזמן
הזה.

Tradução: “*Ensina-nos que a oferta tinha de ser da Terra de Israel. E isso explica-se por causa da época do ano, pois essa colheita é de cevada, visto que a colheita de trigo não se obteria em Israel nessa época do ano*”.

Como vemos, trata-se da oferta das primícias à maneira de sacrifício que se praticava desde o tempo da viagem pelo deserto, do Egipto para a Terra Prometida⁴.

O fragmento contém 2 folhas escritas em hebraico, frente e verso.

3. Fragmento de um tratado de medicina popular que contém “receitas” para curar diversos males ou doenças. Eis uma dessas receitas que selecionamos por nos parecer curiosa:

³ Nascido em Perpignan no final do século XIII, Rabi Moshê Narboni actuou em cidades da França, tendo depois migrado para a Espanha vivendo nas cidades de Cervera, Barcelona, Soria, Toledo, e finalmente morrendo em Burgos em 1362. Filósofo, físico e médico, foi autor de cerca de 20 obras filosóficas judaicas, e também de vários comentários sobre textos filosóficos islâmicos (A. L. IVRY, *Encyclopaedia Judaica*, Jerusalém 1971, vol. XII, pp. 422-424).

⁴ O vocábulo hebraico עמר **omer** que traduzimos por “feixe de espigas”, para melhor se entender, não é traduzido por vários autores, que preferem transliterar a palavra original.

אינגואינטו פירא אינגרושאר אש דונאש מגראש אי אי פרוב'אדו טומא דיז
 גאלאפאדוש אי פירוס אקחיר אין אגואה דוסי טאנטו קי סי דישאטין אי
 דישמי פואין אין או דיטו קאלדו ארימולייאר ד' סילימיס די טריגו אי פויר
 אאינשוגאר אי פואין אין ה' גאילאש דיז גאליניאש אידאליי אקאדא
 גאלינייא מיי סילימיס די דיטו טריגו טאנטו קי טורנין בין גרושאש דישאן
 אאש אי טומא שואש אינשונדאש אי פ'אש אממולייאר אונטאר אי שי קישיר
 קומיר אקארני קומאאה אי מאראויליושאמינטי אינגורדאר

Transcrição:

“Enguto para engrossar as donas magras e é provado. Toma dez galapados e ‘pueros’ (?) (põe-nos?) a cozer em água doce, tanto que se desatem e diz-me. Põe em o dito caldo a remolhar 4 selimes (selamins) de trigo e ‘puero’ (?) (põe ?) a enxugar e põe em 5 gaiolas 10 galinhas e dá a cada galinha meio selime (selamim) do dito trigo, tanto que tornem bem grossas, deixam-as e toma suas enxundas e faz a amolhar untar e se quiser comer a carne, coma-a e maravilhosamente engordará”.

Por quanto podemos observar, o texto assemelha-se a um receituário de “curandeiro” com receitas e mezinhas, o que se integra numa prática de medicina popular bem conhecida por toda a Idade Média e já vem da Antiguidade Clássica e Pré-Clássica, quando uma medicina empírica se misturava com a superstição. Mesmo no Talmud encontramos exemplos de curas populares em expressões como: “estes elementos curam os doentes de seus males: o repolho, o espinafre, o mel e o fígado”⁵. Este género de tratados são conhecidos em hebraico com o nome de **Sefer Refuot** ou também **Sefer Segulot**.

Este fragmento é composto por 4 folhas escritas em língua portuguesa mas em caracteres hebraicos, na frente e no verso.

Em resumo:

São três os manuscritos, diferentes na caligrafia e no conteúdo. Os dois primeiros têm uma bela caligrafia, tipicamente **Sefardí**, isto é, de origem ibérica, e própria de um escriba profissional. Do terceiro já não se pode dizer o mesmo, pois apresenta um hebraico cursivo de carácter mais popular.

Não é possível propôr datas, mas como referimos no início, estas folhas foram reutilizadas na capa de um livro de 1603. São por isso, na pior das hipóteses, do século XVI. Considerando porém o que foi esse período de restrições e perseguições para os judeus, será legítimo pensar que são anteriores ao decreto de expulsão. Esta observação vale principalmente para os dois primeiros manuscritos.

⁵ Talmud da Babilónia, Tratado Berakhot, pág. 44b.

Também quase nada podemos dizer dos autores de dois dos nossos manuscritos. Curiosamente identificam-se aqui e acolá alguns nomes próprios, como por exemplo o nome Fernando, no terceiro manuscrito, mas não se encontram elementos suficientes sobre quem escreveu, ou a quem pertenceram.

Dos três manuscritos, o último reveste-se de especial interesse pelo seu conteúdo: pela primeira vez se encontrou em Portugal um texto escrito em hebraico, extraído de um “tratado” ou “receituário” de medicina popular. O autor foi certamente um judeu português e não castelhano, porque escreve exclusivamente na nossa língua, sem fazer uso de expressões castelhanas, embora usando caracteres hebraicos⁶. Esta aljâmia poderá significar que o autor não sabia utilizar livremente os caracteres latinos e por isso tinha de se servir daqueles que conhecia e que lhe eram familiares, de uso nas suas orações, estudos e práticas religiosas.

Neste último manuscrito o vocabulário é arcaico. Notemos por exemplo o caso de “selamim” que é a 16a parte do alqueire, ou o uso da palavra “enxundas”, naturalmente a designar os “miúdos” da galinha, e de outras. Mas não há dúvida quanto ao essencial: propõe-se a cura da magreza feminina com a carne de galinha. Caldos de galinha já eram aconselhados na Idade Média e ainda nos nossos tempos, nalgumas regiões, para as parturientes. Não haveria na época a preocupação em emagrecer, pois a gordura era sinal de formosura. Hoje, como sabemos, passa-se o contrário.

A. AUGUSTO TAVARES
DOV COHEN

⁶ I. Tishbi, ao descrever um manuscrito hebraico encontrado na Gueniza do Cairo, escrito em Portugal no ano de 1501, assinala a origem castelhana do autor, baseando-se na escrita das palavras ‘Os Estaos’ no texto, que transcrita do hebraico se lê ‘Los Estaos’ (I. THISHBY, *Messianism in the Time of the Expulsion from Spain and Portugal*, Jerusalém 1985, p. 15). Em alguns manuscritos pertencentes ao segundo signatário destas linhas, datados do fim do século XVI, escritos em português em caracteres hebraicos, nota-se curiosamente uma mescla dos dois idiomas. No entanto, na sua maior parte, o idioma predominante é o português, embora apareçam algumas expressões em castelhano como ‘EL DIO’, e outras.

Em outra aljâmia de 1474, o autor é capaz de, numa mesma frase, escrever “em benção de minha *madre* e em graça de minha *emandá*” (A.N.T.T., Corpo Cronológico, parte III, maço 1, doc. 7).